



CENTRO UNIVERSITÁRIO VALE DO SALGADO
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

MARIA DAMIANA DA SILVA

**IMPACTOS E SENTIDOS NA TRAJETÓRIA DO ENSINO DE JOVENS E ADULTOS
(EJA) PARA O ENSINO SUPERIOR: memórias de formação.**

Icó - Ceará
2023

MARIA DAMIANA DA SILVA

IMPACTOS E SENTIDOS NA TRAJETÓRIA DO ENSINO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) PARA O ENSINO SUPERIOR: memórias de formação.

Artigo submetido à disciplina de trabalho de conclusão de curso (TCC II) do curso de licenciatura em Educação Física do Centro Universitário Vale Do Salgado (UNIVS) a ser apresentado como requisito para obtenção de nota.

Orientadora: Prof.^a Ms. Erika Suyanne Sousa Silva

MARIA DAMIANA DA SILVA

**IMPACTOS E SENTIDOS NA TRAJETÓRIA DO ENSINO DE JOVENS E ADULTOS
(EJA) PARA O ENSINO SUPERIOR:** memórias de formação.

Artigo submetido à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCCII) do curso de licenciatura em Educação Física do Centro Universitário Vale do Salgado (UNIVS) a ser apresentado como requisito para obtenção de nota.

Aprovado em 04/12/2023

BANCA EXAMINADORA

Erika Suyanne Sousa Silva

Prof.^a Ms. Erika Suyanne Sousa Silva
Centro Universitário Vale do Salgado
Orientadora

Evandro Nogueira de Oliveira

Prof. Ms. Evandro Nogueira de Oliveira
Centro Universitário Vale do Salgado
1º examinador

Maria Socorro Silva

Prof.^a Esp. Maria Socorro Silva
Membro externo
2º examinador

RESUMO

É importante saber que o Ensino de Jovens e Adultos (EJA) não foi criado apenas para educar JOVENS e ADULTOS, e sim, para remodelar, reestruturar e corrigir, uma sociedade moldada por muitos séculos. O objeto deste estudo investiga por meio de memórias de formação, impactos e sentidos na trajetória da EJA para o Ensino Superior. As fontes foram construídas a partir das narrativas da autora. Os caminhos investigativos perpassaram por uma base metodológica de auto narrativa. Para fonte de discussão foi utilizado um memorial com todas as anotações, lembranças, referências, tempos, sensibilidades, raivas, reflexões, materiais e descrição do meu processo formativo. Entre os resultados da pesquisa, pode-se considerar que apesar de a EJA atuar como protagonista na travessia escolar para o Ensino Superior, ainda há falta de diálogo entre essa modalidade e a universidade. Contudo, por mais que pareça pelo ponto de vista apresentado, ou pela observação particular, que a negatividade e a solidão rondam por todos os contextos, através do EJA, alunos tem a oportunidade de crescimento e consolidação de seus estudos, e muitos, ainda sentem-se capazes de ir além, como a conquista de ensino superior e busca por formação profissional.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de Jovens e Adultos. Trajetórias. Ensino Superior.

ABSTRACT

It is important to know that Youth and Adult Education (EJA) was not created just to educate YOUNG PEOPLE and ADULTS, but to remodel, restructure and correct a society shaped by many centuries. The object of this study investigates through training memories, impacts and meanings in the trajectory of EJA for Higher Education. The sources were constructed from the author's narratives. The investigative paths were based on a methodological basis of self-narrative. As a source of discussion, a memorial was used with all the notes, memories, references, times, sensibilities, anger, reflections, materials and description of my training process. Among the research results, it can be considered that despite EJA acting as a protagonist in the school transition to Higher Education, there is still a lack of dialogue between this modality and the university. However, as much as it may seem from the point of view presented, or from private observation, that negativity and loneliness are present in all contexts, through EJA, students have the opportunity to grow and consolidate their studies, and many still feel capable of going further, such as achieving higher education and seeking professional training.

KEYWORDS: Youth and Adult Education. Trajectories. University education.

1. INTRODUÇÃO

Essa parte introdutória poderia expor um cunho científico referenciado, porém, escolhi escrever em primeira pessoa, assim o leitor poderá encontrar-me nas entrelinhas. Eu, enquanto agente histórico e social, com bagagens, impactos e sentidos trazidos neste estudo, constituindo o meu ser e contribuindo para a aprendizagem significativa permeada pela educação, que se tornou um meio para que eu pudesse enfrentar ou até mesmo superar os problemas até aqui. Tornar-me protagonista da minha própria história será desafiar o sistema educacional, interrogar saberes, refletir em que medida esses saberes agregam valores constituídos a minha vivência.

Dona de casa, mãe e esposa durante minha trajetória estudantil desde o Ensino de Jovens e Adultos (EJA). Minha dificuldade para assimilar os conteúdos diante do volume de informações que chegavam e chegam diariamente sempre me assustam. Enfrentei muitas dificuldades para me manter onde estou. Precisei suprir as demandas da sociedade, sabendo que os seres humanos precisam se adequar ao modelo de sociabilidade vigente, o qual exige um profissional capacitado e que atenda as demandas do capitalismo.

Esse foi um dos motivos para buscar a alfabetização e o letramento junto à EJA, bem como saber utilizar diferentes instrumentos tecnológicos para me enquadrar ao mercado de trabalho, fator que me permite enfatizar que a trajetória do ensino da EJA advém de camadas populares, em sua maioria, da classe trabalhadora, de gente que pensa no hoje, no agora, por isso não veem um futuro de muitas possibilidades, abandonando seus estudos para trabalhar, porque, estudar é um processo longo e demanda tempo.

Com isso, pode-se considerar que os alunos que compõe a EJA são aqueles que ingressaram precocemente no mercado trabalho ou não tiveram acesso à educação básica nos anos iniciais com a idade própria de acordo com a legislação vigente ou que, por algum motivo, saíram da escola e hoje estão retornando (GIOVANETTI, 2005).

É importante saber que a EJA não foi criada apenas para educar JOVENS e ADULTOS, e sim, para remodelar, reestruturar e corrigir, uma sociedade moldada por muitos séculos. Moldada na forma do esquecimento, da escravidão, da violência, do autoritarismo e interesses políticos variados, atrelados às mudanças do tempo, por isso, quando a EJA foi criada e constituída, teve como principal referência nas suas ações, à conscientização dos

brasileiros desprovidos de direitos, deveres e privilégios, possibilitando a estes o acesso à produção cultural, social e econômica (HADDAD, 1994).

A EJA é uma modalidade de ensino que foi instituída no Brasil há muitos anos atrás, embora tenha sido alvo de muitas críticas durante o processo de desenvolvimento e por ser uma forma da classe dominante continuar sobrepondo seus interesses sobre os menos afortunados, é importante considerar que promover a educação para jovens e adultos que não tinham acesso ao ensino sistemático foi de grande significado. Essa modalidade de ensino sempre veio para recolher aqueles que não conseguiam fazer seu percurso na lógica seletiva e rígida de nosso sistema escolar (ARROYO, 2005).

Santos e Silva (2021) afirmam que a EJA é uma iniciativa adotada pelo o Governo Federal, que atualmente substitui a modalidade de ensino do antigo supletivo. A EJA é uma modalidade no qual dá a oportunidade e possibilidade de conclusão da educação básica para aqueles discentes que não a concluíram na idade apropriada. Vale salientar que o Ministério da Educação (MEC) passou a se preocupar de uma forma mais intensa com as questões e temáticas relacionadas à qualidade da educação e ensino, abrangendo e atingindo diretamente a Educação de Jovens e Adultos (EJA), de forma positiva.

A relação que faço entre as minhas memórias de formação, objeto desse estudo, a educação de jovens e adultos e a minha inserção no ensino superior, faz parte da minha trajetória pessoal, então a relevância desse trabalho aponta diretamente as marcas de meu lugar de fala na escola pública, mas também de minhas origens e dos caminhos percorridos desde a Educação de Jovens e Adultos ao ensino superior, de fato. Por isso, justifico a minha voz para expor a minha formação, medos, traumas, sentidos e significações, procurando apontar lacunas, mas também procurando apresentar redes de colaboração que se formam com seus pares.

O interesse por essa pesquisa surgiu através de vivências, por vezes dolorosas, por vezes prazerosas, que estarão dispostas nas discussões desse trabalho, em pesquisar enquanto mulher, mãe e esposa, enquanto estudante da EJA e hoje inserida em uma universidade. Clementino, Cabral e Rodrigues (2020) aborda que por muito tempo, as jovens e mães, foram e estiveram excluídas da sociedade, no qual as mesmas tinham a sua imagem construída em um modelo patriarcal, considerando-as frágeis e incapacitadas, sendo instruídas e submetidas, apenas, para desempenhar e realizar tarefas referentes à vida familiar e doméstica, como por

exemplo, cuidar dos filhos e da própria casa, constituir um bom casamento, ser submissa ao marido e entre outros.

Por isso, este estudo tem como relevância poder de alguma forma, por meio de narrativas e experiências, contribuir para com os que almejam entender e compreender os desafios/empecilhos enfrentados por mulheres que concluíram a educação básica pela EJA enfrentando lutas diárias e ainda assim, persistir na continuidade da vida acadêmica.

Paulo Freire (2015) diz que ao perceber o ontem, o hoje e o amanhã, o ser humano percebe a consequência da sua ação sobre o mundo, nas diferentes épocas históricas, se tornando sujeito da sua história e por isso responsável por ela. Assim, o objetivo desta pesquisa foi: investigar por meio de memórias de formação, impactos e sentidos na trajetória da EJA para o Ensino Superior, a fim de compreender motivos que perpassaram nesses espaços.

Dessa forma, destaco a seguinte pergunta: **De que maneira, uma narrativa sobre memórias de formação poderá contribuir para com o entendimento dos impactos e sentidos daquelas que concluíram a educação básica por meio da EJA e não desistiram da vida acadêmica?**

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Contexto Histórico da Educação de Jovens e Adultos (EJA)

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) se faz notável no Brasil desde a época de sua colonização com os Jesuítas que se dedicavam a alfabetizar (catequizar) tanto crianças indígenas como índios adultos em uma intensa ação cultural e educacional, a fim de propagar a fé católica juntamente com o trabalho educativo. Entretanto, com a chegada da família real e consequente expulsão dos Jesuítas no século XVIII, a educação de adultos entra em falência, pois a responsabilidade pela educação acaba ficando às margens do império (STRELHOW, 2010).

No Brasil em nenhum momento da sua história, houve interesse da elite, colonial, agrária, latifundiária e industrial, em construir realmente uma sociedade igualitária aos valores das grandes revoluções como a americana e a francesa, ou seja, na qual as pessoas pudessem desfrutar de maneira semelhante os bens e as oportunidades da vida social (FRIEDRICH et.al, 2010).

Somente a partir da década de 1930 é que a educação de jovens e adultos efetivamente começa a se destacar no cenário educacional do país, quando em 1934, o governo cria o Plano Nacional de Educação que estabeleceu como dever do Estado o ensino primário integral, gratuito, de frequência obrigatória e extensiva para adultos como direito constitucional (FRIEDRICH et.al, 2010).

Desde o início da década de 40, a educação de jovens e adultos estava em alta. Em 1946 surge a Lei Orgânica do Ensino Primário que previa o ensino supletivo, e em 1947 surgiu um programa, de âmbito nacional, visando atender especificamente às pessoas adultas, com a criação do SEA (Serviço de Educação de Adultos). A finalidade do SEA era de reorientar e coordenar, no geral, os trabalhos dos planos anuais do ensino supletivo para adolescentes e adultos analfabetos. A partir daí a educação de adultos assumida através da campanha nacional do povo começou a mostrar seu valor (SANTOS, 2012).

Através da campanha de Educação de Adultos, lançada em 1947, abre-se a discussão sobre o analfabetismo e a educação de adultos no Brasil, principalmente em 1964 com a aprovação do Plano Nacional de Alfabetização de Adultos (PNAA), que previa a disseminação por todo o Brasil, de programas de alfabetização orientados pela proposta de Paulo Freire. Essa proposta foi interrompida com o Golpe Militar e seus promotores foram duramente reprimidos (COLAVITTO e ARRUDA, 2014).

Com o Militarismo, os programas que visavam a constituição de uma transformação social foram abruptamente interrompidos com apreensão de materiais, detenção e exílio de seus dirigentes. Após a repressão, o governo lançou em 1967, o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) com o intuito de alfabetizar funcionalmente e promover uma educação continuada (STRELHOW, 2010).

O MOBRAL expandiu-se por todo o território nacional, diversificando sua atuação. Das iniciativas que derivaram desse programa, o mais importante foi o PEI – Programa de Educação Integrada, sendo uma forma condensada do antigo curso primário. Na década de 80, com a emergência dos movimentos sociais e início da abertura política os projetos de alfabetização se desdobraram em turmas de pós-alfabetização. O MOBRAL expandiu-se por todo o território nacional, diversificando sua atuação. Das iniciativas que derivaram desse programa, o mais importante foi o PEI – Programa de Educação Integrada, sendo uma forma condensada do antigo curso primário (COLAVITTO e ARRUDA, 2014).

Desacreditado, o MOBREAL foi extinto e seu lugar foi ocupado pela Fundação Educar, que apoiava, financeira e tecnicamente, as iniciativas do governo, das entidades civis e das empresas. O seu papel era de supervisionar e acompanhar, junto às constituições e secretarias, o investimento dos recursos transferidos para a execução de seus programas.

No entanto, em 1990, com o Governo Collor, a Fundação Educar foi extinta sem ser criado nenhum outro projeto em seu lugar. Com a extinção da Fundação Educar e a ausência do governo federal nos projetos de alfabetização, estados e municípios assumiram a responsabilidade de exercer a função na educação de jovens e adultos, oferecendo programas de Educação de Jovens e Adultos em suas escolas. Entre os movimentos que surgiram no início da década de 90, podemos destacar o MOVA e o Procera, que eram os movimentos que procurava trabalhar alfabetização no contexto socioeconômico, e atender às populações em áreas de assentamento (COLAVITTO E ARRUDA, 2014).

Somente em 1996, surge a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) (no. 9.394/96), que reafirma o direito dos jovens e adultos trabalhadores ao ensino básico e ao dever público sua oferta gratuita, estabelecendo responsabilidades aos entes federados através da identificação e mobilização da demanda, com garantia ao acesso e permanência (BRASIL, 1996). A LDB 9394/96, apesar de dedicar apenas dois artigos à Educação de Jovens e Adultos, ao associar a EJA ao ensino fundamental (Artigos 2, 3 e 4), promove um considerável ganho para esta modalidade de educação (VIEIRA, 2004).

Em 2003 o Governo Federal criou a Secretaria Extraordinária de Erradicação do Analfabetismo, lançando então o Programa Brasil Alfabetizado, nele incluídos o Projeto Escola de Fábrica (voltado para cursos de formação profissional), o PROJOVEM (com enfoque central na qualificação para o trabalho unindo a implementação de ações comunitárias) e o Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio para Jovens e Adultos (PROEJA) (STRELHOW, 2010).

No cenário atual, Vieira (2004) afirma que a sociedade vê a juventude e o adulto analfabeto como sinônimo de problema e motivo de preocupação. A educação de jovens e adultos (EJA) no Brasil é marcado pela descontinuidade e por tênues políticas públicas, insuficientes para dar conta da demanda potencial e do cumprimento do direito, nos termos estabelecidos pela Constituição Federal de 1988.

Haddad (1997) aponta que a Educação de Jovens e Adultos (EJA) aconteceu tanto no passado como no presente com o propósito de alfabetização de pessoas adultas quanto ao

conhecimento básico, bem como competências técnicas e profissionais. Pode-se dizer, que essa é uma herança de todo o tratamento que a educação brasileira sofreu ao decorrer de sua história. O adulto analfabeto defronta-se com a sociedade letrada e necessita de, no mínimo, saber enfrentar a tecnologia da comunicação para que, como cidadão, saiba lutar por seus direitos, pois ao contrário, torna-se vítima de um sistema excludente e pensado para poucos (FRIEDRICH et.al, 2010).

3. PROCESSOS METODOLÓGICOS

Essa pesquisa tratou-se de um estudo qualitativo, tendo como base metodológica a pesquisa auto narrativa. A abordagem qualitativa, embasada em Chizzotti (2000), permite-nos afirmar que podemos partir do pressuposto de que a relação entre a realidade e o sujeito que pesquisa é dinâmica e não estática, interdependente e relacionada entre o objeto de pesquisa e o sujeito pesquisado, trazendo à tona a realidade e a subjetividade que há no sujeito pesquisado.

Sobre a pesquisa narrativa, de acordo com Gomes (2003), a mesma pode ser utilizada com propósitos científicos de investigação, já que reforça o que denominamos de exposição de situações, por um ou mais sujeitos, num dado contexto, que se sistematiza em tempo e espaço com a significação que se constrói e se reconstrói a partir, inicialmente, das dimensões cognitivas, emocionais, moral e ética moldadas nas concepções da estrutura científica.

O propósito aqui foi explorar as experiências vividas e descrevê-las, pois a narrativa, como afirma Gomes (2003) é uma forma das pessoas darem sentido e significado à sua experiência, ou seja, uma metáfora da sua experiência, a exposição das situações num dado contexto que será analisado, e, portanto, deverá trazer a subjetividade tratada dentro do rigor científico.

Sobre auto narrativas, Gomes (2003) afirma que são metáforas da experiência pessoal, possibilitando apresentar os acontecimentos com o olhar do narrador, que vê o ocorrido com uma visão abrangente do passado. As maiores dificuldades em torno dessa metodologia é a necessidade de distanciamento entre o investigado e o investigador, sobretudo quando se trata da mesma pessoa.

Sousa et al. (2015, p. 46) afirmam que "[...] narrar histórias e contar a vida caracterizam-se como uma das possibilidades de tecer a identidade, de compreender como nos tornamos pessoas e das configurações que nos são forjadas nos nossos percursos de vida-formação”.

Para aumentar o nível de cientificidade do estudo, foi utilizado um memorial de reconstrução particular. Segundo Prado e Soligo (2007) "é a escrita de memórias e significa escritas que relatam acontecimentos memoráveis" (p.6). A escrita desse memorial passará por três dimensões, sendo elas: temporalidade, sociabilidade e lugar. Essas dimensões são os lugares a dirigir a atenção na condução de uma pesquisa narrativa, fornecendo um tipo de arcabouço conceitual para a pesquisa narrativa (CLANDININ, 2010).

Por temporalidade, entende-se o tempo histórico do ser. No caso da presente pesquisa, representou a reflexão de minha história enquanto mulher, mãe, esposa e estudante. Por sociabilidade, entendem-se as minhas condições pessoais, cuja relação se dá aos sentimentos, às esperanças, aos desejos, às condições sociais, ou seja, as condições existenciais, o ambiente, forças e fatores subjacentes e pessoas que participam e formam esse contexto. (MELLO, 2010). Por lugar, entende-se aquilo que direciona minha atenção para as fronteiras específicas e concretas de um lugar ou de uma sequência de lugares onde a pesquisa e os eventos acontecem. Por conseguinte, pensar o impacto dos lugares sobre as vidas, experiências, histórias das pessoas envolvidas, em uma pesquisa narrativa, constitui tarefa muito importante para o pesquisador.

Dessa forma, assumirei em meu memorial, fonte de discussão desse trabalho, todas as anotações, lembranças, fotos, referências, tempos, sensibilidades, raivas, reflexões, materiais e descrição do meu processo formativo. Para isso, serão elaboradas algumas reflexões teóricas como delineamento de respostas, como me questionar, e ser questionado com perguntas do tipo:

- Quem sou eu?
- O que passei para chegar até aqui?
- Quais são os meus limites e potencialidades?
- Quais são as minhas transformações nesse processo?
- Reflito e transformo o meu fazer ante as mudanças?
- Tento, por meio da criação de meu marco teórico, refletir sobre minha própria ação, passividade, revolta, vitórias, escolhas, planejamento que se revelarão em meu Memorial de Formação?

Portanto, por mais que a escolha de autores e pesquisadores seja minha, faz-se necessário dialogar com as teorias e concepções para poder conciliar-se comigo na intenção de responder esses questionamentos aqui trazidos.

4. DISCUSSÃO

4.1 Memórias de construção particular.

Existir é, assim, um modo de vida que é próprio ao ser capaz de transformar, de produzir, de decidir, de criar, de comunicar-se. Enquanto o ser que simplesmente vivi não é capaz de refletir sobre si mesmo e saber-se vivendo no mundo, o sujeito existente reflete sobre sua vida, no domínio mesmo da existência e se pergunta em torno de suas relações com o mundo. O domínio da existência é o domínio do trabalho, da cultura, da história, dos valores- domínio em que os seres humanos experimentam a dialética entre determinação e liberdade. (Paulo Freire)

4.1.1 Meu eu.

Escolher por onde começar essa narrativa não se afigurou tarefa fácil, sempre que penso num momento importante que tenha contribuído para chegar onde estou, aparece outro subsequente tão ou mais importante. Esta situação arrastou-me até aos momentos vividos na minha infância.

Chamo-me Damiana da Silva, hoje com 39 anos, vim de uma família humilde e composta praticamente por mulheres pretas. Nasci em 23 de maio de 1984 em Icó, cidade no interior do Ceará. Desde muito nova enfrentei dificuldades para conseguir estudar e trabalhar, pois tive uma infância difícil e sempre tive que optar entre esses dois objetivos. Estudar era um sonho, trabalhar era a única maneira de sobreviver, pois sendo a primeira filha de quatro irmãos, fui abandonada por minha mãe e fiquei aos cuidados da minha avó materna. Desde então, tive que arcar com muitas responsabilidades, não só pela minha sobrevivência, mas também pela dos meus três irmãos menores.

Bauman (2005) contempla em seus estudos que o sujeito molda seu caráter e participa da formação de sua identidade, que é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço; um objetivo, “como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais” (BAUMAN, 2005, p. 22).

Até os 11 anos de idade eu ainda não havia sido alfabetizada, porém sempre buscava aprender tudo por observação aos mais velhos, com a natural curiosidade de uma criança aguçada pela necessidade em ajudar a família. Fernandez (2006) afirma que até à Idade Média, não saber ler nem escrever era considerado normal. Pobres, ricos, vassallos, nobres, reis e até juizes eram analfabetos. Porém, a evolução da sociedade exigiu conhecimentos de leitura e escrita, pelo que saber ler e escrever adquiriu uma importância significativa. No período compreendido entre o séc. XVI e o séc. XX, o analfabetismo deixou de ser considerado como algo normal para passar a ser classificado como uma doença, um mal, uma epidemia, um travão ao desenvolvimento e considerado como uma injustiça social.

Por isso, meu grande sonho era conseguir estudar, pois sempre escutava de pessoas mais velhas que o estudo era tudo, que só o estudo poderia nos levar a algum lugar de futuro na vida. Fui criada pela minha avó materna desde o nascimento até os 16 anos. Ela teve um problema de saúde, o que ocasionou perda total da visão, o que me fez com apenas 05 anos de idade pular etapas da minha vida.

Na adolescência, enfrentei muitos dilemas, e tive que parar os estudos, pois devido as minhas condições, precisei priorizar o trabalho. Meu primeiro emprego foi em uma casa de família, cuidando de duas crianças, lavando, passando e cozinhando, meu salário era de R\$ 25,00, no ano de 1996, com direito também a almoço e merenda, um ponto positivo para quem estava com muitas necessidades. Nessa época, eu já estava com 13 anos e como toda adolescente, surgiam dúvidas, angústias, medos e principalmente sentimentos de revolta, por não entender o porquê minha mãe teria me deixado aos cuidados da minha avó, ao invés de me levar com ela.

Como afirma Freud (2010), o indivíduo está, a todo o momento, projetando seus conteúdos, seus sentimentos e, até mesmo, seus pensamentos, no intuito de que se correspondam no Outro, como sendo um processo de construção do Eu ideal, encarnado pelo Outro ideal.

Sempre trabalhei em serviços pesados, mesmo sendo uma menina de peso baixo e estatura mediana. Recordo-me que durante a minha infância eu não tinha bonecas e nem brinquedos, e quando fui trabalhar em casa de família via aqueles quartos das crianças nas quais eu cuidava repleto de brinquedos, e eu aproveitava e brincava para suprir aquela necessidade não vivenciada quando criança.

Expressar o meu eu não é uma tarefa fácil. Ainda mais com uma vida carregada de sentimentos e ressentimentos. Como afirma Mahfoud (2017),

A pergunta, “Quem sou eu?” é pulsante na relação com o imenso mistério presente, a pequenez e envolta por grande afeto. Uma experiência ontológica assim, tal autoconsciência, não é apenas consciência de si mesmo, de sua história, dos próprios passos: interrogar-se sobre si mesmo é interrogar sobre a existência, num só movimento (p. 60).

Para voltar ao passado, precisei encerrar um diálogo no presente que, no fundo, reabriu outros tantos numa solução de continuidade que deixou marcas, até hoje, não encaradas e pensadas a partir de dentro, por vezes.

4.1.2 Meu eu: esposa e mãe.

Aos 19 anos conheci o pai das minhas filhas. Namoramos por três anos e engravidei. Não era um relacionamento fácil. Após a primeira gravidez comecei a enxergar a seriedade da

relação e resolvemos viver juntos. Com isso, já se passaram 20 anos. Temos duas filhas, hoje com 17 e 15 anos. Sempre fui uma companheira dedicada, cuidadosa, apoiando e incentivando-o em seus negócios. Procuramos manter uma relação de amor e cumplicidade, mesmo com tantas diferenças, o que ocasionou a crise que estamos passando atualmente. Confesso que sempre foi difícil conciliar nosso relacionamento com a graduação, pois meu tempo também precisou ser dedicado a outras responsabilidades, inclusive, como mencionei anteriormente, parar de trabalhar, o que gerou mais custos domésticos para ele, principal motivo do nosso desgaste.

O conceito dessa trajetória é marcado pelas minhas condições de existência social e individual, posicionadas historicamente dentro de um campo social. Não é possível ver o indivíduo de modo isolado, por isso, minha identidade é formada a partir de vivências e percursos interligados e conectados aos demais sujeitos (BOURDIEU, 2003).

Tornei-me mãe muito jovem, e em curto período de tempo de uma gravidez para outra, pois aos 23 anos já era mãe de duas. Não casei perante a lei de Deus e do homem, mas permaneço em união estável há 20 anos com o pai das minhas filhas. Sou cozinheira profissional, já fiz inclusive vários cursos na área, mas no momento estou sem emprego fixo, pois tive substituir o trabalho para cursar uma graduação que há anos sonhava.

Não foi nada fácil criar duas filhas sozinhas, pois meu companheiro sempre trabalhou viajando e a responsabilidade da casa e das filhas sempre ficou por minha conta, por isso, sempre fui à busca de planejar a minha vida sozinha. Nunca tive apoio dos familiares, pois a minha família biológica está distante, mas sempre pude contar com ajuda de pessoas amigas, como uma comadre e sua família, que foram essenciais na minha vida, auxiliando com os cuidados das minhas filhas enquanto eu trabalhava.

Os projetos de vida ganham consistência no presente temporal, no entanto, são produzidos levando em conta as experiências do passado e as expectativas do futuro, ou melhor, dito, o espaço da experiência anterior que molda o horizonte da expectativa futura (SCHUTZ, 1979). Nessa perspectiva, para que eu pudesse ter um projeto de vida ou de futuro, precisei vislumbrar naquele presente um tempo de preparação, abrindo mão do que era imediato para que fosse possível estabelecer algo que pudesse num tempo vindouro garantir bons frutos.

Sempre trabalhei em restaurante, no início como auxiliar de serviços gerais, depois como ajudante de cozinha, e anos depois cozinheira, onde trabalhei por sete anos arduamente

para criar minhas filhas. Nunca fui registrada em carteira de trabalho, nunca tive décimo ou qualquer direito trabalhista previsto em lei, cumpria uma carga horária de mais de 12 horas sem descanso e com uma folga semanal, apenas. Giddens (2002), afirma que em muitos casos o estilo de vida é somente associado ao processo de consumo, no entanto, ele também se apresenta na forma de convivência e sobrevivência no mundo.

Uma coisa é o tempo de um trabalhador que sabe a hora que entra, a hora que sai das oito horas de trabalho e outra coisa é o tempo de um sobrevivente em situações informais de trabalho. Ele não tem tempo, ou melhor, ele não controla seu tempo, ou ele tem que criar o seu tempo. Porém, não é um tempo que ele cria como bem quer. Esse tempo tem que ser criado em função do ganho de cada dia. Ele poderá terminar às seis da tarde se aquele dia foi bom, mas poderá tentar continuar vendendo pipocas, água ou quiabos, se aquele dia foi mal. O tempo dele é tão instável quanto a sua forma de trabalhar (Arroyo, 2007, p. 12).

Ele condiciona diretamente as oportunidades de trabalho, principalmente entre os jovens adultos, pois delas dependerá o estilo de vida assumido dentro da complexa divisão do trabalho.

Na trajetória desse restaurante, tive o prazer de conhecer uma pessoa e chefe maravilhosa, que foi um divisor de águas na minha vida. Continuo acreditando que Deus coloca anjos nas nossas vidas, pois eu era muito leiga antes de conhecer C. M. R. (*in memoriam*). Quando comecei a trabalhar, estava grávida de 16 semanas da minha primeira filha, Maria Moanna, e ela também, de um menino. Ela teve a empatia de me empregar mesmo sabendo que estava gestante coisa rara por aqui. Minha primeira gestação foi muito difícil, passei por muitas dificuldades, principalmente questões econômicas, o que gerou a falta de alimentos, vestimentas e etc.

Morava de favor com uma amiga e ainda não tinha um lar para receber minha primogênita. Minha patroa se sensibilizou com a minha situação, me deu esse emprego e ainda o direito de fazer todas as refeições no restaurante, independente do meu horário de trabalho. Fomos criando um vínculo bem maior e ela depositou sua total confiança em mim, pois eu fazia um excelente trabalho.

Trabalhei incansavelmente até o oitavo mês de gestação, e quando eu estava pronta para tirar minha licença maternidade fui surpreendida, pois ela havia comprado todo o meu enxoval. Maria Moanna nasceu em outra cidade, por não ter apoio familiar na cidade que residia, Icó-Ce. Aqui começava uma jornada muito mais difícil do que imaginava, pois teria uma grande responsabilidade na vida: minha filha. A emancipação feminina significou uma soma de responsabilidades, conjugando o ser mãe e o ser profissional. Porém, não se pode

pensar vida pessoal e profissional de maneira dicotômica. Para o indivíduo construir sua carreira, as metas da vida pessoal e profissional têm que ser pensadas e planejadas em consonância (Lima & Tose, 2001).

Voltei para o restaurante exercendo a função de cozinheira chefe. Trabalhei incansavelmente por três anos e sem planejamento algum engravidei da minha segunda filha. Nesse período já não passava por tanta dificuldade. Volto a ressaltar a importância de C.M.R. na minha vida, pois novamente comprou todo o enxoval da minha segunda filha, Joyce. Não cansava de agradecer-lá, por marcar de forma tão intensa o nascimento e desenvolvimento das minhas filhas.

O período que mais me marcou enquanto mãe aqui foi saber que C.M.R. faleceu após um procedimento cirúrgico estético. Meu mundo caiu literalmente, aquele porto seguro, aquela patroa em forma de amiga e irmã, havia partido e eu tinha ficado ali, com duas filhas pequenas, totalmente perdidas em frente ao seu restaurante. Foi uma perda terrível, foi difícil seguir sem ela por muitos anos, e então eu continuei buscando trabalhar em outros lugares, porém com muita dificuldade, pois não tinha com quem deixar minhas filhas e muito menos condições de pagar uma pessoa para cuidar delas. A única solução foi deixá-las sozinhas em casa, mesmo com tanto medo e dor antecipada de acontecer o pior.

Ser mãe é um dom divino. É sentir um amor incondicional e sem limites, que nos ensina a amar, perdoar, compreender, ter tolerância e não pedir ou desejar nada em troca. É ser guerreira e nunca se sentir sozinha, porque você passa a viver pensando por dois e em função do outro. Por isso, precisava lutar por uma vida melhor, e em 2014, resolvi retomar meus estudos e concluir o ensino médio, trabalhando durante o dia e estudando a noite, três vezes na semana no Ensino de Jovens e Adultos (EJA). Esse foi esse o primeiro passo pra ingressar na universidade.

Enquanto mãe, sou muito rígida e exigente, principalmente a se tratar de responsabilidade e deveres a serem cumpridos. Ser mãe é crescer e amadurecer, é entender o real motivo do meu propósito de vida, do amor, do que eu sinto por elas. É saber que eu vou continuar viva em algum canto, porque depois que você tem filhos, você se vê em coisinhas que eles fazem. Você vê repetições de como você é ou de como você não é neles. Sempre instruí a uma boa educação, serem esforçadas nos estudos, dar valor a tudo que se consegue com trabalho e sacrifício. Assim, elas cumprem o papel de filhas dignas e responsáveis, por isso, sigo lutando pra proporcionar um futuro melhor para elas e para mim.

4.1.3 Meu eu: educação.

O ano era 2014. Voltei às salas de aula, assustada e ao mesmo tempo esperançosa. Parecia tudo novo. E foi no Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA) Ana Vieira Pinheiro, que, após várias tentativas, consegui concluir o ensino médio, em 2019, após mais de 15 anos fora do ambiente escolar. A exaustão, o cansaço e a desmotivação sempre se faziam presente, após um longo dia de trabalho.

Sobre o Ensino de Jovens e Adultos (EJA), Pinto (2010) afirma que é necessário perceber esses sujeitos, jovens e adultos, como possuidores de saberes adquiridos ao longo da vida e, dessa forma, apropriados de experiências orientadoras e mobilizadoras de suas ações. Assim, o mesmo considera urgente repensar os currículos do Ensino Médio na modalidade EJA, trazendo uma concepção de 'ancoragem social dos conteúdos', possibilitando vir à tona os diferentes saberes, possibilitando colocá-los em relação e transformando as práticas homogeneizadoras.

O EJA possui um modelo semipresencial de ensino, não existem aulas regulares como nas escolas tradicionais. O material didático é adquirido gratuitamente, em sistema de empréstimo, na escola ou no ambiente virtual de aprendizagem. O aluno frequenta por volta de três dias na semana e retorna para tirar dúvidas e fazer avaliações. Os sujeitos da EJA apresentam características próprias, diferentes das do ensino regular, pois são compostos por pessoas que podem ter sido excluídos ou colocados à margem do mercado de trabalho (Freire, 2014). Essa trajetória escolar, normalmente caracterizada por jovens ou adultos que não seguem o curso regular de escolarização, comumente apresentam condições sociais e psicológicas que devem ser levadas em consideração.

Mal sabia eu, que ali, seria meu ponto de partida para ingressar em uma universidade. Na instituição, encontrei diversas pessoas que me incentivaram a não desistir, como o diretor escolar e outros professores. Andrade contempla em seus estudos que, mesmo que haja condições de acesso e permanência dos jovens e adultos brasileiros na educação, é preciso que eles sejam vistos e tomados em consideração (ANDRADE, 2004).

Conclui com muito esforço, em 2019, e recebi o tão sonhado certificado de conclusão de ensino médio, mal podia me conter. Em janeiro do ano seguinte (2020), realizei meu primeiro vestibular para concorrer a uma bolsa de estudos, e após dois meses, recebo a notícia que fui premiada com uma bolsa social 100% para cursar licenciatura em Educação Física.

Para completar a alegria, também tive êxito e consegui uma vaga no curso técnico de Nutrição e Dietética no Instituto Federal de Iguatu-Ce. Logo eu, que sempre achei que o ensino do CEJA não me capacitaria hoje me encontro realizada com tamanhas conquistas.

Sempre sonhei em cursar Nutrição, mas infelizmente devido à distância, optei por cursar Educação Física em minha cidade. Iniciei o curso de Educação Física e me deparei com uma realidade que eu não imaginava vivenciar. Era um misto de sensações e emoções, onde ao mesmo tempo em que realizava um sonho, também sentia vergonha, angústia e medo.

Soares (2007) aponta em seus estudos que nas trajetórias dos sujeitos, a escolha pelo curso se dá pelas dificuldades no processo educativo, pela aproximação e pela identificação com a escolarização, pela oportunidade de crescimento pessoal e profissional, pelo incentivo e pela mediação dos professores da Educação Básica, pelo acesso a ambientes escolares, que proporcionou o despertar para a docência, e pelas condições econômicas. A escolha do curso está relacionada a aspectos fundamentais, como as condições objetivas dos sujeitos, o fator tempo, a dúvida e a incerteza, as informações recebidas, as situações de influências, a antecipação e a racionalidade.

Esses sentimentos morais relacionados ao reconhecimento, como a questão da vergonha, que significa, em síntese, um rebaixamento do próprio valor pessoal refere-se ao momento em que o sujeito se envergonha de seu valor social, envergonha-se do que representa para si e representa para os demais, sentindo-se rebaixado. Esse sentimento foi reforçado pela exposição pública de insucesso, pela humilhação ou pela negação de direitos básicos. Nesse caso, o papel da autonomia tem preponderância, pois somente ela poderá de fato superar, a vergonha de si e dos demais (Honneth, 2003).

Contudo, o que eu pensei que seria um ponto negativo foi motivador, pois todos me receberam muito bem— alunos e professores. Nunca sofri nenhum tipo de restrição e nem preconceitos, e esse era justamente um grande medo, o que era bem comum na minha condição de mulher, preta, mãe, bolsista e com mais de 30 anos. Nessa fala, enquadro-me no diálogo discutido por Paulo Freire nos textos da Pedagogia do Oprimido (1987) e da Pedagogia da Autonomia (2014), que são a opressão e autonomia. O sentido aqui permitido refere-se ao oprimido que pode ser considerado aquele que não busca uma formação ao longo da vida ou que não teve essa possibilidade e sente-se oprimido pela sociedade. Desse modo, os egressos da EJA precisam ter consciência do que irão enfrentar e buscar autonomia para decidir se desejam ou não continuar seus estudos no Ensino Superior.

De tanto ouvirem de si mesmos que são incapazes, que não sabem nada, que não podem saber, que são infirmos, indolentes, que não produzem em virtude de tudo isto, terminam por se convencer de sua "incapacidade". Falam de si como os que não sabem e do "doutor" como que sabe e a quem deve escutar. Os critérios de saber que lhe são impostos são os convencionais (FREIRE, 2014, p.69).

Esse é o modo de ser do sujeito que assume uma posição de incapacidade, que, de certa forma, está condicionado ao ser no mundo, representando dessa forma uma condição de ser de um sujeito que ainda não conseguiu abrir-se para a liberdade. Vale salientar que a liberdade, uma vez aceita, gera a condição de dependência externa da vontade, decidir por si e assumir todas as responsabilidades e consequências da ação podem ser um peso.

Mesmo com todas as "im"possibilidades e medos que me cercavam, possibilitei-me esse acesso do EJA para o Ensino Superior, e busquei o meu reconhecimento. O reconhecimento é relatado por Carmo (2010) como uma condição fundamental para qualquer estrutura social e, ao mesmo tempo, um processo de validação das ações individuais. Os sujeitos precisam ser reconhecidos como autônomos em suas decisões, caso contrário não possui conhecimento de sua própria liberdade.

Após dois meses de aulas, chega a terrível pandemia da Covid-19. Assim, as aulas presenciais foram encerradas, passamos a ter aulas totalmente online, algo bastante desafiador para todos, principalmente para mim, que mal domino a tecnologia. Logo após a pandemia, retornamos ao ensino presencial, o que foi ainda mais difícil. Conviver e socializar novamente foram desafiador.

A volta foi muito difícil. Foi nesse retorno que fomos encaminhados para as escolas para realizar os estágios (no ensino infantil e fundamental). Senti-me perdida, pois nada que eu havia estudado no período da pandemia, me preparou para estar em sala de aula com crianças, e algumas delas com deficiência. Foi nesse período em específico, que pensei seriamente em desistir da graduação, mas com o incentivo de amigos e familiares, principalmente das minhas filhas, decidi continuar.

Os motivos da evasão são diversos, desde questões financeiras até questões pedagógicas ou de afiliação estudantil, ou seja, a falta de pertencimento ao contexto acadêmico. Portanto, de acordo com Pais (2005), os sujeitos egressos da EJA fazem parte desse contexto de alto risco.

Da Silva (2015), afirma que em modalidades do Ensino Médio como a EJA existe a percepção de que o professor deva encaminhar as diretrizes do trabalho, num modelo pouco

autômato para o aluno. Já no Ensino Superior, um aspecto fundamental é o fato de a autonomia acadêmica exigir que os alunos não tenham dependência do professor, mas tome decisões sobre o universo do saber, o que gera um impacto ainda maior. Por isso, a instituição de ensino precisa estar atenta a essas necessidades e fazer um vínculo direto com os alunos.

Pelo fato de querer permanecer nesse espaço de ensino, precisei me adaptar a novos comportamentos, alinhando-me às regras e conhecimentos característicos, caso contrário sentia-me desestimulada. Coulon (2008) propõe que os estudantes façam esse processo de afiliação a partir de três aspectos fundamentais, primeiro a organização de tempo, período que me dedico às avaliações e exames, leituras, períodos de revisão para garantir a eficiência, a aprendizagem e, é claro, a aprovação, segundo, a organização do espaço, onde procuro ter hábitos constantes de visitação aos ambientes da faculdade e por fim, a relação com o saber, onde procuro me aproximar dos professores e conhecer as suas especificidades, suas metodologias de ensino, sua organização de avaliação e suas expectativas.

Foi um longo caminho percorrido até aqui, vários erros, acertos, aprendizados e experiências. Aulas em que eu não conseguia compreender nada, me sentindo excluída, por pensar que somente eu estava naquela situação. Tantas vezes com vontade de perguntar algo ao professor, e com medo de ser julgada. Para Brant (2004), o sofrimento, marcado por um estado de expectativa diante do perigo, pressupõe a existência de um registro, de um código linguístico que permite identificar, nomear e comunicar determinadas percepções avaliadas como ameaça. O perigo pode estar, concretamente, no ambiente e ser representado como ameaça, uma mesclagem de experiência e memória, ou pode estar interiorizado, apenas como fruto do imaginário.

Chegando ao final do curso, consegui me adaptar melhor, conheci pessoas maravilhosas que irei levar para sempre, entre eles, alunos e professores. Chegar até aqui, não foi fácil, ainda tenho muitas dúvidas sobre em que área atuar, o que me deixa confusa se realmente irei seguir a área. Como ressalta Coulon (2008), o ingresso na universidade é caracterizado por um período de inúmeras rupturas simultâneas: mudam as condições de existência, ocorrem transformações na vida afetiva, frequentemente temos a transição para uma vida mais autônoma. Há, ainda, uma ruptura psicopedagógica, pois as relações com os professores universitários são mais distantes e faz-se necessária a elaboração de uma nova relação com o saber.

Todas as experiências de vida expressas até aqui, se tornaram formativas e me fizeram ser e ter o que hoje represento. No entanto, “nem toda a experiência resulta numa aprendizagem, mas a experiência constitui em si um potencial de aprendizagem” (Dominicé 1989, p.62). Carmen (2002) menciona que a realização de aprendizagens através das experiências é um processo que depende de cada pessoa e não apenas dos elementos contextuais, salientando a importância do processo de reconhecimento, validação e certificação de competências.

4.2 Que haja transformação, e que comece comigo.

Ostra feliz não faz pérola". A ostra, para fazer uma pérola, precisa ter dentro de si um grão de areia que a faça sofrer. Sofrendo a ostra diz para si mesmo: "Preciso envolver essa areia pontuda que me machuca com uma esfera lisa que lhe tire as pontas ... " Ostras felizes não fazem pérolas. . . Pessoas felizes não sentem a necessidade de criar. O ato criador, seja na ciência ou na arte, surge sempre de uma dor. Não é preciso que seja uma dor dóida. Por vezes a dor aparece como aquela coceira que tem o nome de curiosidade. (Rubem Alves)

4.2.1 Condições Pessoais

Sempre vivi com pouco quando se refere ao financeiro. Nasci de uma família formada basicamente por mulheres semianalfabetas e sem muitos recursos. Durante toda vida, tive que trabalhar para manter-me, inclusive, no momento atual sou autônoma, pois desde que ingressei na faculdade, parei de trabalhar para estudar, pois o curso é diurno, o que dificulta conciliar com o trabalho.

Pago aluguel há quinze anos, duas filhas adolescentes, despesas pessoais e domésticas. Não tem sido nada fácil continuar seguindo na graduação, desempregada desde 2019, venho enfrentando muitos obstáculos. Com os serviços extras que aparecem de cozinheira, resta pouco tempo para estudar, na verdade, não consigo me concentrar, tem dias que sinto vontade de sumir, não consigo ficar em sala, não me concentro nas aulas.

Para Pais (2005), os jovens tendem a projetar sua vida baseado num desejo genérico, como, por exemplo, atingir estabilidade financeira, ter um emprego ou ter acesso à casa própria. Isso significa que o projeto está presente na juventude, mas nem sempre com estratégias possíveis, pois, muitas vezes, assumem um caráter impressionista, aleatório e experimental.

4.2.2 Condições Sociais

Sinto-me retraída e fora do eixo perante a sociedade, principalmente, por não se encaixar nos padrões financeiro de muitos, acabo me sentindo excluída em vários ambientes a todo instante. Anseio ser uma pessoa mais voltada à sociedade, ter bens materiais, uma profissão de fato, penso que tudo isso são quesitos para que você tenha uma vida social, vamos dizer que boa. Eu sempre quis ter uma vida social assim, mas por vir de uma família pobre, sem recursos, pouca escolaridade, sem dinheiro, fica mais difícil de conseguir se encaixar em uma sociedade tão capitalista, que visa muito o status financeiro ou algo do tipo.

Sempre me questionei muito, por não conseguir ter um lugar que eu gostaria de ocupar na sociedade, ser notada como alguns amigos que conheço e sempre me perguntei “por que será?”, não basta só estudar e se esforçar, é como se você sempre estivesse que estar a todo tempo mostrando que você é capaz de ter uma vida social, de ter muitos amigos, frequentar lugares, ser bem visto, respeitado, realmente ocupar esse lugar que eu sempre quis, nunca será fácil ou talvez possível.

O ser humano busca um "vir a ser", ou seja, um ser humano em desenvolvimento, sendo "que os homens se educam em comunhão mediatizados pelo mundo" (FREIRE, 1975, p.79). O sujeito que retorna à escola deseja uma inserção no processo histórico como sujeito, deseja afirmar-se no mundo.

4.3 Memórias de formação acadêmica

Quanto mais me torno capaz de me afirmar como sujeito que pode conhecer, tanto melhor desempenho minha aptidão para fazê-lo. (Paulo Freire)

4.3.1 Em busca de uma trajetória profissional

No início, quando comecei a graduação o sentimento era de euforia, era um sonho, era uma conquista, depois veio à pandemia e a gente começou a ter aula totalmente online. A partir disso chega o sentimento de incerteza, insegurança, medo e frustração, pois os melhores momentos de convivência, conhecendo e fazendo novas amizades, em um ambiente novo, transformou-se em uma prisão doméstica, causando frustração e um sentimento de impotência, que me fez a todo o momento querer desistir do curso.

Ainda há de se considerar também as trajetórias dos atores sociais na EJA, que em variados casos, são marcadas por experiências de escolarização truncadas em diferentes

contextos no processo educativo. Portanto, necessitam ser refletidas pelo docente. A Pedagogia, em especial, deve indagar sobre quais conhecimentos os “passageiros da EJA” carregam em suas bagagens ao acessar o Ensino Superior (Arroyo, 2005).

Hoje, eu vejo que fiz a coisa certa, estou quase finalizando, encerrando um ciclo, cumprindo mais uma etapa. O sentimento de incerteza começa a mudar, mesmo com medo de não conseguir me encaixar no mercado de trabalho. Agora chega o sentimento de gratidão, da sensação de dever cumprido, e o melhor, de saber que fui capaz de chegar até aqui.

Esperança! Sim, esperança é algo que tem me mantido de pé, não só referente aos estudos, mas também no cotidiano, com tantos afazeres, obrigações, problemas que me deixam um pouco pra baixo, sem motivação, cobranças diárias da faculdade, entre trabalhos e estágios com curtos prazos, tudo isso aumenta minha ansiedade. Então, nessas horas busco manter a minha fé e esperança em Deus, o que nem sempre é fácil, porque tem dias mais difíceis, em que imprevistos surgem de repente, nos colocando a prova a todo instante. Minha esperança é poder concluir esse curso e me aperfeiçoar na área que desejo atuar.

Desejos?! São muitos. Antes, meu único desejo seria concluir a graduação e me especializar na área em que quero atuar, Hoje não mais, não pretendo parar de estudar, mas sinceramente eu não pretendo seguir na licenciatura. Pretendo seguir em busca do meu grande sonho, fazer um concurso ou seguir na área da gastronomia, já que sempre exerci a profissão de cozinheira.

Outro grande desejo conquistar é minha casa própria, trabalhar para pagar todas as minhas dívidas, ver as minhas filhas formadas, realizar um grande sonho viajando para fora do Brasil, também gostaria de ganhar dinheiro para conseguir cuidar da minha aparência, pois não tem sido fácil se olhar no espelho e não gostar de si. Ao longo do tempo, sem trabalho, eu fui descuidando da minha aparência, não por desleixo, mas por não ter condições, então eu gostaria muito de voltar cuidar da minha aparência externa, e conseguir satisfação comigo mesma.

Enxergo que a ponte entre EJA e universidade foi um caminho complexo a ser trilhado, pois além de superar a lógica de me sentir excluída da sociedade, ainda foi necessário romper com os preconceitos historicamente construídos em relação aos sujeitos advindos da EJA. Pra mim, a sociedade nos vê como uma tábula rasa, alguém desprovido de conhecimentos, devido à formação obtida nessa modalidade de ensino e, portanto, estigmatiza-nos como incapazes e inferiores.

Por conseguinte, para manter-me ao fim desse ciclo, precisei de humildade e tolerância, alegria e esperança, consciência da importância de escutar, disponibilidade para o diálogo, comprometimento, entendimento da Educação enquanto forma de intervenção no mundo, reconhecimento de que a educação é ideológica, precisei aceitar o novo e rejeitar qualquer forma de discriminação (FREIRE, 1999).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De que maneira, uma narrativa sobre memórias de formação poderá contribuir para com o entendimento dos impactos e sentidos daquelas que concluíram a educação básica por meio da EJA e não desistiram da vida acadêmica?

Volto à pergunta norteadora, para responder que a EJA contribuiu e muito na minha busca de crescimento educacional para não desistir da vida acadêmica, não só eu, mas várias pessoas adultas que por algum motivo estiveram afastados do contexto escolar. Através do EJA, alunos tem a oportunidade de crescimento e consolidação de seus estudos, e muitos, ainda sentindo se capazes de ir além, como a conquista de ensino superior e busca por formação profissional.

A partir dos pressupostos da minha História foi possível representar algumas narrativas das minhas trajetórias da EJA, desde o fracasso no Ensino Regular, os caminhos percorridos durante a Educação de Jovens e Adultos, até o acesso e a permanência no Ensino Superior. Para além dessa questão, o presente estudo pretendia avançar nas investigações, conhecendo o sujeito (eu), egressa da EJA, que deu continuidade aos estudos no Ensino Superior.

A luta constante contra o analfabetismo e o desenvolvimento intelectual dos jovens e adultos é uma bandeira contínua, em busca da melhoria das ações educacionais no Brasil. Na viagem da EJA para o Ensino Superior, traço toda travessia, como também sobre como os educadores veem os percursos e itinerários de formação e de vida traçados pelos alunos trabalhadores em busca de escolarização, igualdade e justiça social.

Carrego em minha bagagem saberes das experiências de trabalho, de lutas, de exclusão, de direitos negados, de falta de condições de acesso e/ou permanência no processo de escolarização, sobretudo pela necessidade de conciliar estudo e trabalho para garantir a própria sobrevivência humana e a de meus familiares.

Apesar de a EJA atuar como protagonista na travessia escolar para o Ensino Superior, sinalizo aqui a falta de diálogo entre essa modalidade e a universidade. Ressalto, ainda, que as trajetórias descritas e analisadas neste texto me permite afirmar que a EJA, apesar dos preconceitos historicamente construídos em relação às dinâmicas de ensino, pode potencializar os sujeitos para o acesso à universidade.

Nesse contexto, é oportuno lembrar que essa modalidade atuou como suporte para que eu pudesse almejar o Ensino Superior. Foi por intermédio dela que me senti instigada a continuar os estudos. Desse modo, sem o acesso à EJA, talvez não fosse possível à conclusão da Educação Básica, tampouco o sonho do ingresso na universidade.

Com base no que foi abordado nesta narrativa, nos estudos que auxiliaram na compreensão do tema e na aventura de lidar com a escrita deste texto, sinto-me feliz em poder chegar a uma harmonizadora conclusão: por mais que pareça, pelo ponto de vista apresentado, ou pela observação particular, que a negatividade e a solidão rondam por todos os contextos, basta resistir por mais um pouco, pois, na universidade, ainda reside, mesmo que não nitidamente, aquilo que se pode chamar de amor.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Eliane Ribeiro. Os jovens da EJA e a EJA dos jovens. In: OLIVEIRA, I.B; PAIVA, J. (Orgs.). **Educação de Jovens e Adultos**. Petrópolis: DP et Alii, 2004.
- ARROYO, Miguel González. Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia G. C.;
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. **A Miséria do Mundo**. 5 ed. São Paulo: Vozes, 2003.
- CARMO, Gerson Tavares do. **O enigma da educação de jovens e adultos: Um estudo das evasões e retornos à Escola sob a perspectiva da Teoria do Reconhecimento social**, 2010.
- CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 4. ed. - São Paulo: Cortez, 2000.
- CLANDININ, D. Jean. CONELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- COLAVITTO, N.B e ARRUDA, A.L.M.M. Educação de Jovens e Adultos (eja): A Importância da Alfabetização. **Revista Eletrônica Saberes da Educação** – Volume 5 – nº 1 – 2014
- COULON, Alain. **Etnometodologia**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- DA SILVA, Neilton. Processo de afiliação de egressos da EJA no Ensino Superior: desafios e propostas à docência universitária. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, v. 3, n. 5, p. 121-147, 2015.
- FREIRE, Paulo. **Educação como Prática Libertadora**. 36. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. ed. 51. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos**. (1914-1916), obras completas volume 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FRIEDRICH et.al. Trajetória da escolarização de jovens e adultos no Brasil: de plataformas de governo a propostas pedagógicas esvaziadas. **Ensaio: avaliação das políticas públicas educacionais**. Rio de Janeiro, v. 18, n. 67, p. 389-410, abr./jun. 2010.
- GOMES, A. **A narrativa enquanto Instrumento de Investigação e de Autoconhecimento. Um estudo da Narrativa Pessoal de uma professora de Educação Física acerca de sua experiência no projeto “Férias em Português em Timor Lorosa’e”**. 2003. 377f. - Dissertação (mestrado) - Universidade do Porto, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Porto, 2003.
- GOMES, Nilma Lino (Orgs.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 19-50

- HADDAD, Sérgio. A educação de pessoas jovens e adultas e a nova LDB. In: BRZEZINSKI, I. (org.), **LDB interpretada: diversos olhares se entrecruzam**. São Paulo: Cortez, 1997.
- LIMA, M., & Tose, S. (2001). Carreira: Uma preocupação do indivíduo, uma responsabilidade da empresa. **Revista de Administração em Diálogo**, 3(1), 1-9.
- LUCE, Maria Beatriz; FÁVERO, Osmar; HADDAD, Sérgio, (1992). **A contribuição das Comissões Estaduais do PNAC: subsídios para uma avaliação**. [s.l.], 33 p.
- MELLO, D. M. **Pesquisa narrativa. Entrevista concedida a Aline Sieiro**. Uberlândia, 30 abr. 2010.
- PINTO, Antônio Henrique. Educação Básica integrada à Formação Profissional: Considerações sobre a modalidade EJA num curso PROEJA. In: 33.a **Reunião Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação**, 2015.
- PRADO, Guilherme do Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. **Memorial de formação: quando as memórias narram a história da formação. Porque escrever é fazer história: revelações, subversões, superações**. Campinas: Alínea, 2007. p. 45-59.
- SANTOS, Pablo Silva Machado Bispo. **Dos guia prático da política educacional no Brasil: ações, planos, programas e impactos**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.
- SCHUTZ, Alfred. **Fenomenologia e relações sociais**. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- SOARES, Francisco Luiz Batista. **A escolha no Ensino Superior: fatores de decisão**. 2007. 126 f. Dissertação (Mestrado em Economia) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- SOARES, Leôncio. **Do direito à educação à formação do educador de jovens e adultos**. In SOARES, Leôncio, GIOVANETTI, Maria Amélia Gomes de Castro, GOMES, Nilma Lino (org). Belo Horizonte: Autentica Editora, 2005, p. 273-289.
- SOUSA, M. G.da S.; CABRAL, C. L. de O. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Horizontes**, v. 33, n. 2, p. 149-158, jul./dez. 2015.
- STRELHOW, T. B. Breve história sobre a educação de jovens e adultos no Brasil. **revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.38, p. 49-59, jun.2010.
- VIEIRA, M.C. **Fundamentos históricos, políticos e sociais da educação de jovens e adultos** – Volume I: aspectos históricos da educação de jovens e adultos no Brasil. Universidade de Brasília, Brasília, 2004.